

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 34

2015

Nº 205

NOVEMBRO - DEZEMBRO

Não aderimos ao último acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Eu preciso de Você!	5
1500-592 Lisboa	Visitação	8
Telefone : 217 647 441	Um dia p^a o Homem Jesus	9
	Há 2000 anos ...	13
*	Natal na aldeia	16
Director Responsável :	Conversa com Jesus	18
Manuela Vasconcelos	A vontade de ver Deus	21
	Noite Feliz	25
*	A bola de Borracha	28
Tiragem : 150 exemplares	Um dia, eu tive um sonho...	32
Distribuição Gratuita	Momento Sagrado	35
	Natal	38
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Está quase a ser, de novo, Natal... mas, escutando as notícias que chegam até nós, vindas de diversos países onde o sangue ainda corre... onde o ódio leva a perseguições e injustiças... onde a mulher é amesquinhada e vilipendiada sem lhe ser dado o direito de defesa e de ser GENTE... onde a criança, em vez de frequentar a escola e receber brinquedos que encantem a sua meninice é presenteada com armas de guerra e ensinada a matar... quando não é ela própria a arma ambulante para um ataque maior, - perguntamos: que Natal?

... Quando a guerra força a que milhares de habitantes deixem as suas casas e se arrisquem a atravessar as águas revoltas dos mares, para procurarem a paz e o respeito noutros países; quando, nesses próprios países que os acolhem com sacrifício, a fome grassa no desemprego que leva tantos outros a se exilarem também, procurando noutro lado o ganha-pão que a pátria mãe lhes nega; quando, se sente a insegurança, na casa de cada um, ao escutar-se no toque de quem bate à porta, o temor do assalto que pode levar à morte, porque não se sabe quem está do outro lado...- perguntamos: que Natal?

... Quando as crianças são raptadas para satisfazerem a concupiscência de adultos de mentes doentes; quando o egoísmo grassa, entre amigos, conhecidos, família... perguntamos : - que Natal?

E, no entanto, folheando as páginas do Tempo, reparamos que em todas as épocas, por muito más que elas tenham sido, no

abeirar-se a data natalícia, uma esperança nova parece que nasceu sempre entre uns e outros – os vencidos da Vida e os que procuraram vencer, ainda que essa vitória fosse de um dia só... de umas horas... enquanto, talvez, fosse recordada aquela hora da criança a quem deram um brinquedo... em nome de Jesus; daquela outra, que recebeu uma roupinha melhor, também em nome daquela Criança que veio um dia, para trazer a Paz a todos os corações!... E noutra página, do mesmo livro do Tempo, lemos sobre aquele doente sempre sozinho na cama de um hospital, tendo por companhia apenas os outros doentes e os enfermeiros que, a horas certas, lhes levavam os medicamentos que tinham de tomar – enquanto esses mesmos enfermeiros ansiavam pela saída, porque em casa teriam talvez um familiar a aguardá-los para um jantar ou uma ceia ou apenas uma conversa melhor, enquanto faziam horas para a deita... Esses também não sabiam como fazer o Natal!

Entretanto, o Tempo correu e chamaram-lhe século... depois, não foi mais um, mas dois... mas a palavra NATAL, na recordação da criança que, um dia, veio trazer esperança a todas as criaturas de Deus, essa não passou ainda – porque não é apenas uma palavra, como todas as outras que se conhecem em todas as línguas do mundo: é diferente, e, quando alguém a pronuncia, parece que uma luz se lhe acende no coração. De repente, sem que ninguém se aperceba, aquela palavra tornou-se um milagre (que dizem que não existe) e nem que não seja senão por breves instantes – os instantes da mesma duração do dia que a representa – ela significou paz, significou resignação, significou esperança, significou AMOR – apenas porque uma criança diferente nasceu num cantinho qualquer da Judeia, há milhares de anos atrás, e pobre como nós que somos pobres de esperanças e ricos de reclamações, foi deitada numa manjedoura porque os pais não

tiveram, sequer, a possibilidade de lhe fazerem um berço, uma caminha... embora o seu pai fosse carpinteiro!

Mas, mesmo assim, Ela nasceu, cresceu, viveu entre os homens – embora os homens não a tenham compreendido – e doou-se de tal maneira que nunca ninguém a esqueceu e foi-se falando dela, de geração em geração...

O Amor que ela transmitiu a uns e a outros, foi tanto que se multiplicou e abrangeu a todos, conhecidos e desconhecidos... e hoje, um hoje distante daquele outro em que a MÃE a deu à luz, os povos de todo o mundo, param para sorrir uns para os outros, com um alento novo nos seus corações, porque... apesar de todas as agruras que a vida oferta a cada um, essas mesmas agruras não conseguem matar a flor da esperança de que o Amanhã seja melhor!

Como então, quando se consegue ouvir o som dos sinos na torre de uma qualquer igreja, parece que eles repetem também as palavras de outrora:

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS! ALELUIA! ALELUIA!

Que haja Paz e Esperança em todos os corações! Feliz Natal, para si também!

A DIRECÇÃO

*



-Eu preciso de Você!...

Quantas vezes temos ouvido este apelo, e, apesar dele, seguimos em frente, fazendo que somos surdos e cegos, indiferentes à voz que nos chama! E, no entanto, ela insiste e repete:

- Eu preciso de Você... para socorrer o irmão, que procura nos farrapos com que se cobre, o agasalho que o corpo, desnudo, carece!

... de Você, levando o pão àquele ser a quem a fome provoca espasmos de dor no estômago debilitado!

... de Você, para o doente que caiu, sem forças, e não pode nem consegue o medicamento que o aliviará na sua dor!

... de Você, para a criança a quem as lágrimas humedecem o rostozinho pálido de órfã e abandonada e hoje, mais triste que de costume, observa os ricos, meninos felizes que passam agasalhados sobraçando o seu brinquedo de Natal, ou comendo um daqueles bolos lindos que os seus olhitos viram há pouco e a que ficaram presos, mas de que a boca não descobrirá nunca o sabor!

- Eu preciso de Você!
... para o pobre que chora,
Para o rico solitário,
Para o doente infeliz,
Para a esposa sem marido,
Para a mãe sem filho,
Para a viúva sem companheiro,
Para o soldado que recorda a família distante,
Para o professor sem alunos,
Para o preso na cadeia,
Para o doente sem visitas,
Para aquele que a sociedade repudiou,
Para a irmã perdida,
Para o filho abandonado,
Para os desesperados da vida!

- Eu preciso de Você!
De Você... que mente,
Que mata,
Que rouba,
Que insulta e vilipendia,
Que levanta falso testemunho
E que comete adultério!...

De Você... adorador de ídolos e ateu...

De Você, que procura no álcool o esquecimento das mágoas, ou que o busca para satisfação do vício torpe!...

- Eu preciso de Você! De Você, que faz parte dessa mesma Humanidade que chora, que ri, que clama e se revolta, que canta hossanas e grita desesperos!...

... De Você, que com o seu Amor

E tudo de bom que tem para dar!...

... de Você, que de mãos vazias as estende, repletas de ternura para acarinhar!

Você... por favor! Seja Você quem for, responda ao meu apelo! Não olhe mais em derredor com indiferença... Páre!... Olhe à sua volta e diga... diga a todo aquele que sofre e ao carente:

- Meu querido Irmão, toma a minha mão! Ri com o meu riso, vive com o calor que dimana do meu coração! A partir de hoje não estarás mais sós porque EU AMO-TE!

E então, com Você, haverá finalmente um mundo melhor... e a Humanidade passará a viver o NATAL com um sentimento diferente, porque todos os dias serão dias de Natal e todos viverão fraternalmente unidos, compreensivos e tolerantes, louvando a Deus sobre todas as coisas... e haverá PAZ NA TERRA PARA OS HOMENS DE BOA VONTADE!

MANUELA VASCONCELOS

(Transcrito da revista COMUNHÃO, nº. 15, de Dezembro de 1983).

*

VISITAÇÃO

Que é do anjo de asas rutilantes
Com que lutou Jacob, na madrugada?
Que é desse outro, de falas sussurrantes,
Que surgiu a Maria, a fecundada,

Tão casta e sem pecado como dantes?
Que é da estrela, pela mão de Deus lançada
A guiar os incertos caminhantes
Ao colmo da cabana consagrada?

Onde estão os sinais que Deus envia?
Onde estão, que os procuro noite e dia
Sem nunca ter cumprido o meu desejo?

Não os vejo e não sei se eu, que os procuro,
Os não encontro porque sou impuro,
Ou sou impuro porque os não vejo.

REINALDO FERREIRA, filho

UM DIA PARA O HOMEM JESUS

A humanidade está necessitando urgentemente de estabelecer um dia para reverenciar o Homem Jesus de Nazaré.

Explico-me : o dia ou dias pretensamente a Ele dedicados não o são, efectivamente. O escapismo humano tem conseguido, ao longo do tempo, desviar o foco das atenções. Abstrai-se daquilo que é essencial e toca o âmago dos problemas, para ater-se, muito compungidamente, na aparência, às exterioridades. Assim é que, com relação à figura do Mestre, à medida que passa o tempo, mais se acentua e comemora tudo o que está ligado à sua memória, com excepção d'Ele mesmo. Celebra-se tudo o que está em torno do Mestre e esquece-se o que constitui todo o motivo da sua vinda e sacrifício: o ensino moral!

Senão, vejamos: no Natal, toda a Cristandade reverencia... o Menino Jesus. Lembrando-se, ternamente, da figura do Redentor na manjedoura, evoca-se a Sagrada Família, exalta-se a ternura da criança excelsa, armam-se milhares de presépios... e todos entram na euforia do Natal. Distribuem-se presentes, o comércio age febrilmente, as propagandas intensivas e vistosas estimulam o consumismo de todos, a lei determina que os empregadores paguem um salário extra, para atender a tal regozijo, muitos viajam e outros tantos participam de ofícios religiosos solenes em torno... do nascimento de Jesus.

Em seguida, há a pausa de uns três meses e depois o movimento repete-se, com uma diferença: o motivo, agora, é a morte do Senhor. Na Semana Santa, com maior contrição, todos rememoram o grande sacrifício do Salvador. Histórias são contadas, filmes exibidos, textos das Sagradas Escrituras são lidos, sermões relembram as cenas tocantes da perseguição, o processo e a execução na cruz. Nalguns lugares, procedem-se até a encenações em cenários naturais. Tudo em torno da morte, do sacrifício do Senhor. Legiões de pessoas, porém, estão menos preocupadas com o motivo da comemoração em si do que com os feriados e a oportunidade especial de viajar, cumprir planos previamente elaborados.

Pouco mais de um mês, após, é Maio, o mês das flores, quando se comemora o chamado Dia das Mães. E a figura maior das comemorações é Maria, a Mãe de Jesus, paradigma de todas as mães. A homenagem é muito justa, naturalmente, mas dirigida à Mãe do Mestre e não a Ele próprio.

No mês seguinte, os homenageados são... os apóstolos do Senhor. E, estranhamente, as comemorações são feitas com festas e mais festas, bailes, fogueiras, comidas típicas, alegrias ruidosas! Paulo, Pedro, João o Baptista e o Evangelista, personagens que deram o melhor de si em favor do Evangelho nascente, inclusive a própria vida; que viveram na austeridade e renúncia, são homenageados paradoxalmente com festas muito pouco espirituais... De qualquer forma, os reverenciados são... os discípulos do Senhor. E então, em Dezembro, tudo se repete.

*

Porquê, afinal de contas, os homens parecem encontrar tão grande dificuldade em entender que a figura central disso tudo é

Ele mesmo – Jesus, o Divino Mestre – enviado para redimir a Humanidade, indicando-lhe o caminho da Verdade e da Vida, para que se liberte do chavascal do erro e do sofrimento?

Ponderando a questão, concluímos que, na verdade, o que ocorre não é desentendimento quanto ao real sentido das coisas, mas comodismo mesmo, gosto pelas superficialidades e prazeres, com fuga deliberada dos deveres mais graves, porque centrando-se na figura do Homem Jesus, seus objectivos, seus ensinamentos, encontra-se muita coisa que incomoda e dá o que pensar.

“Não resistais ao mal. Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra”... “Não negueis a quem vos pede emprestado. Se alguém vos obrigar a caminhar mil passos, ide com ele mais dois mil.”...

E há tanta gente aí, reivindicando direitos, disputando vantagens, por métodos sem sempre pacíficos, promovendo movimentos paredistas, quebra-quebras...

“Bem-aventurados os pobres de espírito”... “Não ajunteis para vós tesouros que a traça corrói, a ferrugem consome e os ladrões desenterram e roubam.” Ajuntei tesouros do espírito, que não estão sujeitos a nada disso e que vos acompanham na passagem para a outra vida.”É mais fácil fazer passar um cabo pelo fundo de uma agulha do que...”

Mas as necessidades da vida material são tantas e a luta pela sobrevivência tão árdua! Até mesmo quando já se tem o suficiente para viver e garantir a família... será errado continuar ganhando, amealhando, melhorando cada vez mais as condições de vida? E o futuro, as necessidades dos dependentes? E os juros do **overnight**, do **open market**, a mais de 50%, senhor?! E os

dividendos, debêntures, ágios?... Como conciliar uma coisa com a outra?

“Amái-vos uns aos outros como eu vos ameí.” Mas, Senhor, há tanta gente antipática por aí!

“Perdoai não sete vezes, mas setenta vezes sete...” Bem, tem certas coisas que não dá para perdoar!

“Quando derdes um festim, convidai os pobres e os estropiados... Ide e pregai, curai os enfermos, limpai os leprosos, dai vista aos cegos, expeli os espíritos maus em meu nome...” Mas, Senhor, conviver com essa gente? E será que conseguimos mesmo alguma coisa estendendo sobre eles as nossas mãos? Tem de se rezar muito, abrir mão de muita coisa!...

“E aquele dentre vós que quiser ser meu discípulo, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me....”

BEM, JÁ COMPREENDEMOS PORQUE O HOMEM JESUS ANDA TÃO ESQUECIDO...

(Transcrito para o nº. 71, de Março/Abril de 1993 da Revista COMUNHÃO, e transcrição da Revista Espírita Brasileira Allan Kardec, da Federação Espírita do Paraná, nº. 7).

*

HÁ DOIS MIL ANOS...

A noite era diferente de todas as outras noites: algo de tenso pairava no ar e as pessoas tornavam-se irascíveis sem saberem porquê! Algo as influenciava e as tornava diferentes, e por isso não compreendiam a razão do que lhes sucedia: implicavam umas com as outras, e com as crianças também, forçando-as a procurarem mais cedo o repouso do corpo, coberto aqui e ali por um agasalho melhor.

A noite era diferente de todas as outras noites... No céu negro, as estrelas cintilavam num riso silencioso e cúmplice; tinham entre si um segredo que iriam dividir com bem poucos: o mistério da Criança que logo mais iria nascer...

Montada num jumento manso, Maria, a futura Mãe, pacientemente deixava-se levar, orientada pelo esposo que a respeitava e protegia... e de hospedaria em hospedaria, de porta em porta, enquanto o tempo apertava, o abrigo foi-lhes sendo negado persistentemente... continuamente! (É que a Criança não podia nascer num lugar qualquer, conspurcado pelas vibrações densas e impuras dos adultos que ali se encontrassem. O lugar onde, pela primeira vez, os seus olhitos se abririam para o mundo teria que ser especial).

Mas onde... Onde?

Desesperado José voltou atrás, a percorrer o mesmo caminho, batendo às mesmas portas! Não haveria um pouco de caridade, de compaixão para com a Mulher prestes a trazer o Filho ao mundo?

As cabeças negaceavam o poiso, sem que os seus possuidores se dessem, já, ao trabalho de olhar. .. Não havia lugar!

Foi então que uma mulher, condoída do estado de Maria, lhes apontou um telheiro mais além... à falta de melhor!

Pelo menos, assim, a Criança não nasceria ao relento!

Pacientemente, o casal para ali se encaminhou... Na noite escura as estrelas cintilavam mais e mais, e a mais brilhante dentre elas desgarrou-se do manto escuro e aveludado, despertando a atenção dos pastorinhos distantes e encaminhando-os até à manjedoura, onde parou.

Em adoração, os pastorinhos ajoelharam. Que viam eles? O Messias prometido – ou a criança pobrezinha, aquecida pelo bafo de uma vaca e de um jumento? Sem interrogações ali ficaram, esquecidos, para depois voltarem à sua faina: nunca mais ninguém ouviu falar deles, nunca mais nenhum deles procurou voltar a ver a Criança sobre quem se debruçaram uma noite. Talvez... talvez não fosse tempo ainda, para qualquer deles; talvez tivessem de passar muitas horas, dias, anos, até se interrogarem sobre a Criança: quem seria ela, que tão embevecidos os deixara num breve instante?!...

Teriam escutado eles a história do Messias que chegaria um dia, ou apenas reverenciavam, naquele instante, o Mistério do nascimento que os Céus protegiam, como ficava demonstrado pela Luz que os encaminhara para a manjedoura?

Melodias interpretadas por músicos que ninguém via soavam nos ares e vozes desconhecidas cantavam:

- Aleluia! Aleluia!
- Nasceu o Messias! Glória a Deus nas alturas e Paz na Terra aos homens de boa vontade!

*

Se a vida de Jesus não tivesse sido de apostolado, quem lembraria hoje o nascimento da Criança que, por primeiro berço, teve apenas as palhas de uma manjedoura... por primeiro agasalho o bafo dos animais que dela se aproximaram?!

Mas Jesus nasceu... Criança ainda, dando lições a doutores sobre a interpretação da Lei, exemplificando nas suas atitudes tudo aquilo que os homens deveriam aprender sobre o A>mor, a obediência, a humildade, a tolerância...

Homem depois, chamando a si essas outras crianças de coração puro, porque delas é o reino dos céus... Vivendo entre os homens sem julgar nem condenar ninguém, aproveitando todas as oportunidades para mais um ensinamento, uma lição... revelando um Pai (de Amor) do qual todos viemos e que todos desconhecíamos... Ensinando a fé, falando de paz, preocupando-se com o momento da separação para afirmar que nunca nos deixaria sós... e recomendando ainda : - *Quando quiserdes orar, dizei: Pai Nosso que estás no Céu...*

*

Aquela foi uma noite diferente de todas as outras noites... porque Ele a tornou diferente por amor a toda a Humanidade. Só por esse motivo, de cada vez que se festeja o Natal do seu nascimento, Jesus revela-se um pouco mais aos corações daqueles que d'Ele se lembram com amor... e em cada criança que nasça,

repete-se a esperança de um Amanhã melhor na Paz, no Amor, na concórdia entre todos os que O souberem seguir... no exemplo que permanece.

Por isso o Natal deve ser vivido festivamente em todos os dias do ano... Por isso, onde haja um coração que comemore o nascimento do Divino Amigo, Ele, o Messias, estará sempre presente!

Não afirmou Ele que *quando dois ou três se reunissem em seu nome, Ele estaria no meio deles?*...

M. V.

(Transcrito da Revista COMUNHÃO, nº. 117, de Novembro-Dezembro 2000).

NATAL NA ALDEIA

Natal!... O trigo na azenha,

Água correndo a cantar!...

A lareira pede lenha,

Fagulhas brincam no ar.

Natal! Ah! Saudade minha!...

Cantiga do coração!...

A taleiga de farinha

Amassa a estriga do pão.

Na sombra que envolve a terra,

Oiteiros acendem lume.

Do bragal que se descerra

Chegam vagas de perfume.

À janela, erguem-se vozes...
- “Pastores ternos, quem sois?!...”
Meninos voam às nozes;
Quanta alegria depois!...

Na sala que se alvoroça,
Surge um velho sem ninguém.
Diz o dono : “A casa é vossa
E a mesa é vossa também...”

Próvida e grande candeia
Faz luz sob o tecto morno;
Espalha-se em toda a aldeia
O alegre cheiro do forno.

Há canções claras e puras,
Nas sebes tintas de breu:
- “Glória ao Senhor nas Alturas!...
Hosanas!... Jesus nasceu!...”

Um mocho pia de leve
No velho beiral vizinho...
Não sei se é chuva ou se é neve
Que o vento lança ao caminho!...

Meia-noite!... Dons supremos!...
Calam-se os próprios lebréus.
Roga a avozinha : - “Louvemos!...
Pai Nosso que estás nos Céus!...”

Soluços da alma contente...
Doce visão do Natal!...
Deus vos salve eternamente,
Lembranças de Portugal!

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

(In: ANTOLOGIA MEDIÚNICA DO NATAL: psicografia de Francisco Cândido Xavier).

CONVERSA COM JESUS

Meu Jesus!, é mais um Natal... Época de Amor, mas onde se vivencia o ódio das guerras e amarguras, porque o povo que diz amar-Te assim o edifica com as suas loucuras!...

Natal... e eu queria, Jesus, poder afagar com estas mãos, tão pobres de bens materiais, os rostos pequeninos das crianças, já sem esperança, que fazem dos seus lares as ruas, dos seus leitos as pedras das calçadas... Eu queria, Jesus, poder acalantar ao meu peito, onde bate um coração que o amor e as doenças envelheceram, queria acalantar os bebés desprezados que, à nascença, foram jogados fóra como lixo...

Queria ser, para os velhinhos nos asilos, o ombro amigo onde chorassem as lágrimas de saudade e perdão, pela família para quem eles passaram a ser ... como uma pedra que rola no chão!... queria ser a manta a aquecer as costas vergadas ao peso dos anos... ou a bengala, a equilibrar-lhes os passos vacilantes... ou as pantufas a confortar-lhes os pés calejados, doloridos!

... Queria ser... olhos, ouvidos, bocas, para os que não vêem, não ouvem, não podem falar...

... Queria ir lá longe, bem distante, subir ao pico mais agreste e cimentar ali a Tua bandeira do Amor, nas palavras que envolveriam todo o mundo:

- AQUI REINA A PAZ!

... Queria, meu Jesus, levar a tua Luz ao lugar mais sombrio da Terra, à gruta mais gélida, à cova mais funda, e gritar

para todos, com fé e confiança : - Tenham esperança! Todos nós somos amados e perdoados por esse Pai que é Amor, ameniza a nossa dor e chora por nossas mágoas!...

... Queria, Jesus... queria!, mas sou apenas um grão de areia que o mais pequeno vento dispersa no deserto!

Mas o que não posso fazer gesticulando, caminhando, tombando, posso realizar pedindo-Te que o faças!... E, então, Jesus, Te suplico :

- Toma do meu coração já gasto, mas pleno de Amor pela Humanidade, toma esse sentimento lindo que ali se alberga e distribui-o por aqueles outros corações onde vivem o ódio, a vingança, o desprezo!... Toma dos meus olhos... a luz de um me basta... para ver a miséria que alastra no mundo, e com o outro faz feliz aquela mãe que embla o filho – triste por não o ver nem conhecer!... Toma da minha saúde e contempla com ela aquele pai mais enfraquecido, necessitado de trabalhar!... Toma das minhas mãos, dos meus pés, dos meus ouvidos, e faz com eles o que seja necessário para que mais alguém sorria no Teu Natal!...

... Toma... desse grão de mostarda que é a minha fé, e semeia-o nas bermas das estradas, nas rochas, nos espinheiros, nos desertos... que ele vicejará multiplicado, para cantar hinos de Amor ao Pai!...

... Toma da minha alegria e constrói com ela uma fraternidade maior, que nos una mais uns aos outros, por Ti e através de Ti, para todos cantarmos em uníssono:

Aleluia! Aleluia! Hoje é Natal!

Então, Jesus, despida da minha riqueza mas feliz de tanto amar, unirei a minha voz à voz de todos os que Te cantam, porque todos seremos um só coração – como Tu idealizaste! – festejando, não o Natal que os homens criaram mas o Natal do Menino que nasceu numa manjedoura, para ensinar a todos a Humildade maior!

Meu Jesus, vem ensinar-nos a viver o Teu Natal! Vem de novo trazer-nos a Tua paz, o Teu Amor, a Tua esperança nas criaturas!... Vem de novo repetir-nos :

*Um só Mandamento vos deixo :
Que se amem uns aos outros como Eu vos amei!*

(Transcrito do nº. 81 da revista COMUNHÃO, de Nov./Dez. de 1994).

*

“Chega-te aos bons e serás
Um dos bons”. Depois de o seres,
Chama a ti os maus e fá-los
Iguais a ti, se puderes.

“Mais vale tarde que nunca”.
Medidas que o tempo tem:
Para o mal é sempre cedo,
Nunca é tarde para o bem.

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

A VONTADE DE VER DEUS

É de senso comum, e consequência da extrema curiosidade que possui pelo desconhecido, querer o homem ver Deus para comprovar-Lhe a existência, esquecendo que se não pode vê-Lo poderá, pelo menos, senti-Lo no interior da alma.

É oportuno recordar a seguinte história:

A querida professora, sempre consciente do importante papel que desempenhava na formação da personalidade da criança, resolvera, deslumbrada pelo espectáculo matinal que a natureza lhe apresentava, falar aos seus pupilos sobre a existência de Deus.

A natureza estava radiosa naquela manhã. Manhã de sol, transmitindo luz ao mundo. O cântico dos pássaros, parecendo mais belo naquele dia, constituía sinfonia tão perfeita que imitá-los seria coisa utópica. Maravilhada com tanto espectáculo deslocava-se para a escola, no afã de mostrar Deus aos seus discípulos.

Chegando à escola e ao iniciar a aula, começou a falar daquele belíssimo espectáculo – o amanhecer, que só poderia ser obra de Deus e os alunos, uníssonos, confirmaram. Falou do som mavioso das cascatas, do radioso sol, do cantarolar dos pássaros e todos a acompanhavam, na exaltação ao Divino Criador de todo o Universo. Lembrava os espectáculos nocturnos das estrelas, a maravilha do luar prateado a clarear as sombras da noite, mostrando como se reflete o belo na Criação Divina, pois, para mostrar a beleza da luz concedeu-nos a noite, a escuridão, e nela a lua fazia-se tão bela quanto o lírio no charco.

Tudo é espectáculo, na Criação. Tudo demonstra a grandiosidade do Criador. Mas como em todo o lugar existe a oposição, para que possamos treinar o nosso raciocínio, ali, naquela sala de aula, não poderia ser diferente. Uma das crianças não concordava com a existência de Deus. Dizia o aluno : - Não acredito em Deus porque nunca o vi!

A mestra tornou-se de enorme confusão. Como explicar para aquele aluno a existência de Deus? Como, faze-LO ver, senão pela Sua obra? A questão era das mais complexas, pois a resposta deveria ser palpável, porque é quase humanamente impossível explicar filosoficamente Deus para uma criança.

Precisava de alguma coisa que chamasse a sua atenção. Que tocasse o fundo de seu espírito.

E assim transcorreram vários dias. A professora não conseguia fazer aquele aluno ver Deus. Entristecera-se sobremaneira. Confiava na existência de Deus, não porque O vira, mas porque conseguia entende-LO na mensagem que Ele enviara através do espectáculo chamado Natureza.

Vendo-a entristecida, o Director da escola procurou saber das razões e a entusiasta mestra esclareceu-o acerca do ocorrido durante aqueles dias, na sala de aula. Após o diálogo, o Director resolveu auxilia-la na solução do problema e falou-lhe que compareceria à sala de aula, para demonstrar ao agnóstico, a existência de Deus, ou, pelo menos, procuraria esclarece-lo a fim de dissipar-lhe as dúvidas.

No dia pré-estabelecido, o Director compareceu e começou a falar de Deus. Falou exactamente, tal qual a professora,

procurando inclusive copiar-lhe os exemplos. Porém, ao iniciar a preleção, o Director colocara sobre a mesa dois copos contendo água. E, ao terminar a bela exposição, perguntou: - Concordam os prezados alunos com a existência de Deus?

Todos, com entusiasmo, responderam afirmativamente, excepto aquele que afirmou não acreditar porque não conseguia ver Deus.

O Director chamou-o à frente e disse-lhe: - Caro aluno, observe estes dois copos contendo água; um deles contém açúcar. Diga-me qual dos dois se encontra nessa condição, ou seja, qual dos dois possui água com açúcar.

O aluno, minuciosamente, examinou ambos os copos, procurando algum cristal que denunciasse a mistura. Qual não fôra a sua surpresa: não conseguia o intento desejado!

Desanimado, retirava-se sob o irónico olhar dos companheiros, quando o dedicado mestre, em sua bondade, solicitou-lhe o retorno e pediu-lhe que, mais uma vez, examinasse os copos. O pequenino segurou cada copo, procurando olhá-los pelo fundo, ainda na vã tentativa de identificar aquele que continha a água com o açúcar. Ainda assim não o conseguiu, e ia-se retirando sob a humilhação de não ter conseguido quando o bondoso professor falou: - Não desista, amigo... continue a procurar... tente mais uma vez... você vai conseguir!

Então, o menino perguntou: - Posso, senhor, provar ambos os copos?

O professor respondeu: - Claro, faça isso!

Pegou o primeiro copo e bebeu pequena porção, percebendo a ausência do açúcar. A seguir, provou o segundo e, surpreendido, verificou que a água estava doce. Alegre, qual o sábio grego diante da grande descoberta, gritou : - Achei!... Achei!... Este é o copo com água e açúcar.!

Mais alegre ainda, disse o professor: - Caro amigo, agora você pode entender Deus. Assim é Deus : impossível de se ver, mas qual o copo de água, podemos senti-LO. Deus não pode ser visto por nós, mas podemos senti-LO, se assim o desejarmos. Procure sentir Deus tal qual fez com o copo contendo água açucarada, procure senti-LO com amor, com dedicação, procure-O com todos os recursos que você possui.

Você empregou todos os recursos possíveis, para identificar a água com açúcar, sem desânimo. Assim é Deus : se O procurarmos usando de nossa boa vontade, um dia iremos senti-LO no interior de nosso Espírito, mas tudo isso só poderá acontecer após muita luta, luta que devemos realizar com entusiasmo em favor do bem e sem esmorecer.

*

Que fique o ensinamento a todos quantos, agnósticos, não acreditam em Deus porque, além de cegos, pois não conseguem ver a grandiosidade da obra chamada UNIVERSO, são insensíveis – cegos também de sentimento.

PAULO ANDRADE DOS SANTOS

(Transcrito do nº. 37 da revista COMUNHÃO, de Julho/Agosto de 1987, e transcrição do Jornal Brasileiro ‘Mundo Espírita’, de Curitiba, Maio de 1984).

NOITE FELIZ...

Tem-se escrito muito sobre o Natal e, principalmente, a respeito do personagem que lhe deu origem, sensibilizou e deu brilho à história mais original e empolgante do mundo, particularmente entre os cristãos.

E tão magnífica é ela que se não fosse verdadeira necessitaria fosse inventada com o mesmo esplendor que os cronistas lhe deram e com as mesmas virtudes do seu personagem ímpar : Jesus, o Cristo de Deus.

Jesus foi único, em toda a história da humanidade, e sua vida inimitável em todos os sentidos. Houvesse, hoje, quem tentasse repetir a mesma noite poética, as mesmas pregações, o mesmo calvário, o mesmo drama, já não teria originalidade. Seria, apenas, um impostor.

Quem, senão Ele – o Cristo – teve o carisma, como dizem os teólogos, que vem perturbando por milénios e com todos os indícios de continuar – *passarão céus e terras mas minhas palavras não passarão* – pelo tempo em fóra enquanto houver ser humano à face da Terra?

Dizem tantas coisas sobre a origem do Natal, dessas festividades envolventes que acalentam as crianças e amolecem corações empedernidos de homens velhos, que não se faz ideia. Mas, repetimos, essa história ou lenda é tão linda, faz-nos tanto bem, dá-nos tanta esperança que, se não fosse verdadeira, necessitaria ser inventada. Mas precisaria, para isso, de um cérebro

portentoso, igual ao do seu personagem real e, desse modo, seria Ele próprio o nosso autor.

Nosso mundo é tão brutal e os homens de tanta rudeza, que nos causa um prazer indizível abrimos os livros sagrados e lermos o Evangelista Lucas (2: 7-7) : “E aconteceu que estando eles ali (José e Maria), se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz a seu filho primogénito, e envolveu-o em panos, e o deitou numa manjedoura **porque não havia lugar para eles na estalagem.**”

E Mateus (2:11) : “E tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém. E entrando na casa, acharam o Menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se, o adoraram, e abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas : ouro, incenso e mirra”.

E João (1 : 9) : “Ali estava a luz verdadeira que alumia a todo o homem que vem ao mundo.”

O dia exacto desse acontecimento vem sendo discutido desde os primeiros tempos da Era Cristã : 6 de Janeiro, 28 de Março, Abril ou Maio. Por fim, 25 de Dezembro, para fazer desaparecer um hábito pagão de fogueiras e outros, com uma solenidade cristã com maior autenticidade.

Mas, perguntamos nós, valerá alguma coisa essa dúvida sobre o dia exacto? Absolutamente, não! Basta-nos a certeza de que Ele viveu entre nós, sofreu como nós sofreremos e amou muito mais do que nós amámos. Amou a todos, indistintamente. Amou aos próprios inimigos, à humanidade inteira, não obstante a imperfeição humana, a crueldade dos homens. E só Ele poderia

fazer tal coisa com a perfeição comprovada. Ninguém jamais amou tanto à face da Terra.

Eis por que Ele não pertence a Pedro nem a Paulo, Roma ou Lutero. Ele é de todos e por todos. De qualquer religião, raça ou nação. Porque onde *estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles*. (Mateus, 18 : 20).

Da ênfase pagã dos primeiros tempos à luz da verdadeira espiritualidade, pregada pelas Entidades Superiores nos dias actuais, Ele reina em todas as nações e em todos os corações bem formados.

Nesse meio tempo, entre o nascimento e os dias que correm, foram criadas as árvores de Natal, Papai Noel e outros mitos, inclusive o fracassado vovô índio brasileiro, fogos de artifício, presépios, pastores, trocas de presentes, festas religiosas e profanas...

Artistas gravaram em telas e poetas cantaram em versos toda a poesia sentida ou artificial. Músicos inspirados passaram para os seus instrumentos os cânticos sublimes e o NOITE FELIZ continua a enlevar-nos e a conduzir-nos o espírito a pensar nas coisas belas da vida, no *GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE!*

Natal de Jesus! Que todos os homens também renasçam na Terra em Espírito e Verdade, principalmente em reforma íntima, em mais Amor ao semelhante, paz, concórdia, bem-estar... luz!

CRISTOVAM MARQUES PESSOA

(In: Revista COMUNHÃO n.º. 93, de Nov.º./ Dez.º. de 1996. Artigo transcrito do livro LUZ NA PENUMBRA, do mesmo autor, editado pela EME – Capivari, Brasil).

*

A BOLA DE BORRACHA

Por vezes há coisas que retêm lugar na nossa memória e ali ficam, importantes só para nós, definitivamente instaladas no cantinho das recordações. Como a da bola, daquele Natal...

Idos de Portugal, estávamos há um ano em Sá da Bandeira (Lubango) – Angola, cidade a que o meu pai aportara em busca de um lugar ao sol para si e para os seus. E se a beleza da cidade, rodeada de serras, sempre me cativou ao longo dos anos, passava-me despercebida, à época, as dificuldades que meus pais enfrentavam no dia a dia, num meio a princípio estranho mas que, pouco a pouco, foi abrindo os seus braços para todos.

Meu pai era trabalhador, honesto, homem de uma só palavra e as pessoas habituaram-se a procura-lo e a confiar nele. Eu também confiava. Sabia, mesmo sem promessas, que tudo o que ele afirmava, cumpria.

O Natal em África (Angola, Moçambique, S. Tomé) – pelo menos!) era vivenciado com calor, sol, praias, pic-niques. A neve., o frio, a lareira, tudo isso os portugueses deixaram para trás ao aportarem às plagas africanas e, aos meses de calor mais intenso correspondiam, naquela época, as férias grandes : Janeiro, Fevereiro e Março.

As escolas fechavam em Dezembro para reabrirem no final de Março e só os que tinham de repetir exames iam até elas em Janeiro, procurando vencer as provas que dariam acesso aos anos imediatos.

Eu era ainda uma miúda de 8 anos, a estudar a 2ª classe. Vejo-me no tempo, bebé pançudo (que a minha mãe era daquelas para quem gordura era formosura e teimava em nos super alimentar a todos), saindo aos domingos com os pais, a dar a “voltinha dos tristes” e a ver as montras das poucas lojas existentes na cidade (estávamos em 1940) – tão poucas que sobravam os dedos das mãos, a conta-las -, e um ou dois meses antes do Natal, de narizito colado ao vidro de uma delas, os meus olhos foram atraídos por uma bola de borracha, artisticamente colorida, que fazia os encantos de qualquer criança. Não era uma bola vulgar, não! Com um diâmetro que não ultrapassaria os 18 centímetros, de fundo cinza-prateado, ela era toda picotada em cores de vermelho e azul, geometricamente colocados e harmonizados entre si, e dividida ao meio por uma barra branca. E eu, que só gostava de bonecas, de paninhos e linhas para lhes fazer vestidinhos com que me entretinha sentada sossegadamente num qualquer canto, instantaneamente perdi-me de amores por aquela bola!

- Paizinho, a bola...

-Não pode ser!

As dificuldades em que se vivia naquela época, principalmente para quem tinha vencimentos pequenos, estabeleceram na nossa casa três datas a festejar com um presente, que podiam ser umas roupinhas extras : o dia de anos, o Natal e a Páscoa – esta última quando tal era possível.

Estavamos próximos do Natal... Eu já sabia – porque as crianças “mais espertas” gostam sempre de desfazer as ilusões das que ainda crêem na possibilidade de ser o Jesus a descer à Terra para as presentear -, eu já sabia que o “Menino Jesus” da minha casa era o meu Pai, e insisti :

- Mas o Menino Jesus...

Ele quis ainda salvaguardar a sua tarefa natalina e achou uma saída:

- Se passares para a 3ª classe o paizinho dá-te a bola.

Palavras mágicas!... Palavras mágicas que uma professora mais exigente não deixou fossem cumpridas! E como foram grandes o meu choro e o meu desgosto e os meus soluços, ao ver perdida a bola dos meus encantos!

A desilusão foi tão intensa que, de noite, sonhava com a bola e acordava a chorar com a perda sofrida. Eu que nunca fôra uma criança de caprichos, tive febre e perdi o apetite por causa de uma bola!

Naquele ano – e é bom recordar que, pela mudança dos continentes e a viagem até Moçâmedes e, depois, Sá da Bandeira, eu perdera alguns meses de ensino e estava a tentar fazer a 1ª e 2ª classes juntas, porque já aqui, em Lisboa, eu andara 4 meses na escola -; naquele ano eu descobrira o mundo maravilhoso do fazer-de-conta, quando aprendera a ler e o meu pai, tentando atenuar o meu desgosto, levou-me um livrinho de histórias : “As três maçãzinhas de Ouro”.

Entre a vida atribulada da princesa da história e os vestidinhos da boneca, passaram-se as semanas que faltavam para o Natal. A bola interrompia muitas vezes a leitura e as roupinhas da boneca, recordando-me a sua existência nunca esquecida. Considerava-a totalmente perdida, tanto mais que o seu lugar na montra da loja fôra ocupado por outro brinquedo. Eu não queria mais nenhum : satisfiziam-me a posse da boneca e o livrinho da história que sempre relia, na busca do mundo maravilhoso onde o mal era sempre vencido pelo bem, na forma das maçãs maravilhosas do conto de fadas...

Chegou a noite do dia 24 de Dezembro e, obedecendo à orientação de meus pais, meu irmão e eu colocámos os nossos sapatos e a botinha da minha irmã, ainda bebé, atrás da porta que dava para a rua – na falta da tradicional chaminé -, para que o “Menino Jesus” não perdesse muito tempo à sua procura, pois tinha de visitar as casas de todos os meninos de todo o mundo e o tempo era pouco! Sorrindo da ingenuidade de meus pais, que continuavam a querer que acreditássemos naquela visita, fui-me deitar. Naquele ano não tinha interesse nenhum em saber o que ia ganhar : as minhas ilusões e esperanças tinham sido totalmente vencidas pelo “chumbo” com que a professora me brindara.

Dormi. Manhã cedo ainda fui acordada pelo entusiasmo e curiosidade do meu irmão, que queria saber o que tinha no sapatinho, e era norma lá em casa todos abrirem os presentes ao mesmo tempo. Abandonei a cama e acompanhei-o à entrada. O meu sapato estava totalmente coberto por um embrulho redondo, que fazia pensar numa bola. Uma bola?!...

Corri, rasguei o papel e, por entre os rasgos do mesmo começaram a surgir as cores tão minhas conhecidas do meu brinquedo encantado.

- É a bola! É a bola!

Ah!, afinal o “Menino Jesus” existia mesmo e estivera ali, na minha casa, a levar-me aquilo que eu mais queria! Virei-me. Na outra porta o pai olhava-me, sorridente, tão sorridente que os seus olhos azuis riam-se também, por detrás das lentes dos óculos. Corri para ele e não conseguindo chegar-lhe ao rosto, para o beijar, abracei-lhe as pernas com uma força que dizia tudo aquilo que as palavras não conseguiriam transmitir em alegria, gratidão, felicidade!

Tive muitos Natais, depois, ao longo de toda esta existência que já vai na década dos sessenta ... mas o mais maravilhoso deles todos foi o daquele ano, por causa daquela bola que afagou os meus 8 aninhos... Tão maravilhoso que continua a existir até hoje!

M.

(Transcrito do nº 75 da revista COMUNHÃO, de Novº/Dezº1993)

UM DIA, EU TIVE UM SONHO...

Um dia, eu tive um sonho... e no sonho que sonhei, sobrevoei um local onde havia uma montanha imensa, escura, morta! Não estava morta de verdes secos... não estava morta de nenhuma queimada que tivesse estiolado o seu bojo ou pela falta da chuva bendita, que lhe saciasse a sede das raízes que não se

erguiam em troncos altaneiros nem em braços levantados para o céu!

Estava morta... apenas porque era uma montanha diferente, feita de metal, de ligas de diversas qualidades, de chapas pintadas em cores mais escuras umas que as outras...

Por inacreditável que parecesse, os homens foram ali depositando todas as armas de ataque : as que possuíam, as que os exércitos haviam recebido, as que o comércio vendia... Todo o material bélico ali fora parar, vindo das partes mais distantes do globo terrestre, de tal forma que, se pudessem falar, seria uma nova torre de Babel, numa construção moderna onde cada peça falaria uma língua diferente!

Estavam todas ali, envelhecendo, sem qualquer utilidade... talvez aguardando que algum governo se lembrasse de as derreter a todas, transformando-as em material útil para qualquer um... talvez em objectos hospitalares ou de serventia para seres mais carentes... que aproveitam o útil e não o supérfluo!

Estavam ali apodrecendo (envelhecendo) ...

Não se lobrigavam, no meio daquela amálgama de ferros e chapas, qualquer espécie de bombas, que essas tinham sido despoletadas e lançadas no lugar mais fundo dos oceanos, ali ficando esquecidas para todo o sempre – e esquecido, igualmente, o seu significado mortífero e criminoso!

... E o entendimento fazia-se entre os povos, que se ajudavam mutuamente, todos acalentando o mesmo Ideal de concórdia e justiça, vivendo na tolerância e aceitação de uns pelos outros!

No meu sonho as crianças que cresciam ignoravam o significado da palavra “guerra”, porque os mais velhos já a tinham meio esquecida na vida diferente que viviam... e “arma” simbolizava apenas um qualquer instrumento de tortura há muito abolido!

Um dia, eu tive um sonho... mas, ao acordar, a rádio noticiava mais um atentado no Ulster... um novo bombardeamento em Beirute... uma chacina na China... e, então, perguntei a mim mesma que fez os homens dos ensinamentos de Jesus?, da tolerância, do Amor para que Ele nos veio despertar?

“Bem-aventurados os pacíficos, porque possuirão a Terra...”

Não aceito que os homens queiram continuar a nascer para se matarem uns aos outros!... Que o extermínio, o genocídio se transformem em leis obrigatórias para que uns e outros se destruam como objectos, sem direito a defenderem o próprio direito à Vida!

Não aceito que a Missão de Jesus, ao fim de 2.000 anos, tenha de ser reconhecida como uma utopia ou uma lenda para embalar crianças mais inocentes – aquelas que não são capazes, ainda, de proferir a palavra “mata”... que não sabem imitar o som da rajada da metralhadora a dizimar tudo o que está pela frente!

Jesus tem de ser, para cada um de nós, o Ser que nos veio alertar para as consequências do caminho fácil, irresponsável e atractivo que palmilhávamos... Que nos veio afirmar que a felicidade não é um mito... Que a paz poderá viver nos nossos corações, quando fizermos a fraternidade entre todos!

Um dia, eu tive um sonho... Ao acordar compreendi que, para ele ser realidade, dependia apenas do esforço de cada um... um esforço que será mínimo quando vivenciarmos o amor de uns pelos outros, como nos foi ensinado há 2.000 anos.

Enquanto essa realidade não chega, eu vou fechar os olhos... recordar os ensinamentos que, de há 20 séculos, vivem até hoje... e continuar a sonhar até que o sonho e realidade sejam uma verdade única!

Um dia... um dia não é preciso sonhar!

M.

(Transcrito do nº. 51 da revista COMUNHÃO de Novº. e Dezº. de 1989).

MOMENTO SAGRADO

Um amigo espiritual lembrava há pouco que, a rigor, o Cristo não precisaria ter vindo pessoalmente trazer-nos os seus ensinamentos; bastaria transmiti-los através de um bom médium. Foi o que aconteceu quando as entidades tutelares do povo juseu decidiram utilizar-se dos recursos mediúnicos de Moisés para transmissão do Decálogo e de numerosas instruções, ao longo do tempo. Foi sob a orientação dessa equipe espiritual, da qual, certamente, não estaria ausente o próprio Cristo, que os hebreus

foram retirados da escravidão no Egito para o *status* de nação livre e consciente de sua identidade.

Como lembra o companheiro espiritual de início mencionado, Jesus teve boas razões para decidir-se pelo penoso sacrifício de viver entre nós por algum tempo. Vinha misturar-se às multidões anônimas, envolver-se nos problemas do dia a dia, partilhar do sofrimento de tanta gente, conviver com a pobreza e a miséria, tanto quanto com a indigência espiritual de numerosas criaturas desajustadas que nem sabiam quem era Ele. Não é difícil descobrir as razões dessa dramática decisão do Mestre. Ele sabia que não bastava “mandar o recado” da realidade espiritual. Isso já fora feito em várias oportunidades e por diferentes mensageiros, todos devidamente credenciados. Era preciso agora a suprema renúncia, para que, acima e além da palavra, sobressaísse o exemplo. Tornara-se necessário, mais do que nunca, “viver” os preceitos, em vez de pregá-los às multidões, por mais belas que fossem as palavras e as imagens suscitadas para vestir as ideias nelas contidas. Como, por exemplo, passar às criaturas humanas, sempre sedentas de mando e poder, que grande é aquele que serve e não o que busca ser servido?

O momento desta lição inesquecível é de uma beleza transcendental. Aproximava-se o desenlace, dado que já se amava a trama sinistra do sacrifício da cruz. Reunidos para a ceia, Ele admite a óbvia realidade da sua postura de Mestre, sem vaidade ou arrogância, com toda a transparência da grandeza, impossível de ser escondida ou disfarçada.

“Vocês me chamam de Mestre e Senhor – explicou – e dizem bem porque *Eu o sou*.

O humílimo serviço prestado àqueles homens rudes em nada maculava a elevada condição do ser que ali se punha como mero servidor para lavar-lhes os pés. Ao contrário, a exaltava. A lição ficou no exemplo, que espantou os apóstolos e suscitou a emocionada reacção de Pedro. Mas as criaturas humanas continuaram a buscar ansiosamente o poder para ter o semelhante a seus pés e não para que o mais forte e mais sábio sirva ao mais fraco.

Eis porque o Cristo optou pela pregação pelo exemplo. Pouco teria adiantado falar sobre a imortalidade da alma, era preciso demonstrá-la com a dramática realidade do “morto” que voltou para falar com os “vivos”.

Volvidos os séculos, os exemplos se perderam no emaranhado teológico e nas estruturas de poder montadas para que os donos dos tronos continuassem a receber a vassalagem em vez de servir. Por isso, a mensagem da realidade espiritual foi reiterada na Doutrina dos Espíritos. Novamente o Cristo Consolador insistia no apelo ao serviço, à solidariedade, ao amor do próximo, impulsos esses perfeitamente compatíveis com a ampliação do conhecimento. “Amai-vos e instrui-vos”, reiterou a Sua mensagem. “Conhece-se o verdadeiro espírito – repercutiu Kardec – pela sua transformação moral”.

O Natal é, como sempre, uma oportunidade de meditação e de mudanças pessoais. Nenhuma destas será mais importante e reconhecidamente mais difícil para cada um de nós do que a decisão de traduzir o aprendido em acção, no honesto esforço de viver a mensagem do Cristo e não apenas a de falar ou escrever sobre ela.

Foi para isso que Ele se decidiu pela suprema renúncia de nascer. O Natal é, portanto, um momento sagrado, que pede de nós um impulso de gratidão pelo Mestre e Senhor e a corajosa decisão de praticar o que Ele ensinou pelo exemplo.

HERMÍNIO CORREIA DE MIRANDA

(Transcrito do n.º. 151 da revista COMUNHÃO, de Nov.º. /Dez.º. de 2006, e transcrição do Boletim Semanal SEI, do Lar de Fabiano de Cristo, Rio de Janeiro, Br., de 10/12/2005).

*

N A T A L

***Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e
boa vontade para com os homens – (LUCAS, 2:14)***

As legiões angélicas junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino.
Paz na Terra.

Boa vontade para com os homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

Nem castigo ao rico avarento.

Nem punição ao pobre desesperado.

Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.

Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso.

Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa-Vontade.

A justiça do “olho por olho” e do “dente por dente” encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente da estrebaria, assinalaram júbilo inexplicável...

Daquela inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão tranviado.

O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos

vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales da imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa-Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia...

EMMANUEL

(In : livro mediúnico FONTE VIVA, 15ª ed. FEB, Brasília e R.J.)

*

E porque **NATAL É SEMPRE QUE O HOMEM QUISER**, que seja sempre Natal para todos vós, bons Amigos e Irmãos que nos leiam.

Feliz e Santo Natal .

*